

*Para a criança que folheia contos de fadas
em busca de um herói com um rosto como o seu.*

*E para as meninas cujas histórias
comprimos em penas e maravilhas,
triunfos e cautelas, sem perguntar,
uma vez sequer, quais os seus nomes.*

OCEANO
OBASI

MEWE

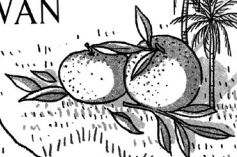


NONTES

VALE

NYAMBA

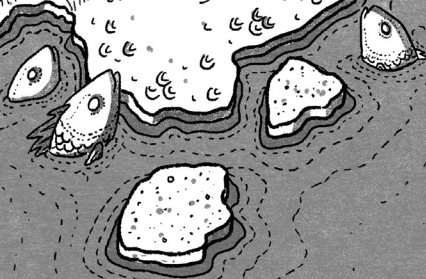
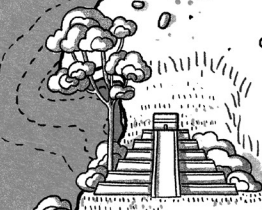
OLUWAN



SWANA

QUETZALA

SPARTI





MAR DE
GYEOLJEONG

BIRASLOV

BLESSID

PASSAGEM
DE IINHWA

TERRA DOS CÂNTICOS

MOREYAO

DIBANTI

DHYRMA

MAR DE
DENGÁ

PARTE I

CAPÍTULO 1

Eu não devia ter ficado surpreendida por existirem fadas.

Quando os elefantes passaram como um mar desajeitado por baixo da minha janela, centelhas de luz sussurraram na poeira, dançando por cima das fileiras de presas e couro. Inclinei-me precariamente sobre o peitoril, na esperança de apanhar uma centelha antes que um criado me puxasse para dentro.

— Que vergonha, Tarisai — inquietaram-se os meus precetores. — O que é que A Senhora faria se caísse?

— Mas eu quero ver as luzes — disse eu.

— São apenas fadas *tutsu*. — Um precetor afastou-me da janela. — Espíritos bondosos. Guiam os elefantes perdidos até aos bebedouros.

— Ou até aos bandos de leões — murmurou outro precetor. — Se se estiverem a sentir menos bondosos.

A magia, aprendi eu em breve, era caprichosa. Quando eu semicerava os olhos para o tronco inchado do baobá no nosso pátio, uma cara atrevida aparecia. *Kye, kye, rapariga-assassina*, ria-se ela antes de desaparecer na casca da árvore.

Eu tinha sete anos quando o homem com asas de fogo de cobalto me encontrou. Naquela noite, eu tinha decidido procurar a minha mãe em Swana, o segundo maior reino do império arit. Passei sorrateiramente pelas minhas criadas e precetores que ressonavam, enchi um saco com mangas e escalei o nosso muro de tijolos de barro.

A Lua pairava alta sobre a savana quando o *alaghato*, o duende, apareceu no meu caminho. A luz brilhava nos seus olhos salpicados de

dourado, que se inclinavam até às suas têmporas escuras. Agarrou-me pela parte de trás da minha roupa, levantando-me no ar para me examinar. Eu usava um envoltório da cor das folhas de bananeira, enrolado várias vezes por baixo dos braços, deixando-me os ombros nus. O *alagbato* observou-me, divertido, enquanto eu dava murros e pontapés no ar.

Estou na minha cama na Casa Bhekina, disse a mim própria. O meu coração batia como um punho num tambor de pele de cabra. Mordi a bochecha para provar que estava a sonhar. *Estou embrulhada em mosquiteiros de gaze e os criados abanam-me com folhas de palmeira. Sinto o cheiro do pequeno-almoço nas cozinhas. Papas de milho. Peixe matemba guisado...*

Mas a minha bochecha começou a latejar. Não estava na cama. Estava perdida nos prados de Swana e este homem era feito de chamas.

— Olá, Tarisai. — O seu hálito do Saara aqueceu as minhas tranças de contas. — Onde pensas que vais?

— Como é que sabes o meu nome? — perguntei. Será que os *alagbatos* eram omniscientes, como Am, o Contador de Histórias?

— Fui eu quem to deu.

Eu estava demasiado zangada para absorver aquela resposta. Será que ele tinha de ser tão *luminoso*? Até o cabelo dele brilhava, um magdal luminoso em volta do seu rosto estreito. Se os nossos guardas do complexo o vissem...

Suspirei. Tinha percorrido pouco mais de um quilómetro na savana. Ser capturada agora seria humilhante. Os meus preceptores iriam trancar-me outra vez — e, desta vez, *todas* as janelas da Casa Bhekina seriam fechadas com pregos.

— Ninguém tem permissão para me tocar — gritei, tentando soltar-me arranhando o *alagbato*. A pele dele era macia e quente, como barro deixado a endurecer ao Sol.

— Não têm permissão? És suficientemente pequena para seres levada ao colo. Disseram-me que as crianças humanas precisam de afeto.

— Bem, eu não sou humana — respondi em triunfo. — Portanto, põe-me no chão.

— Quem te disse isso, menina?

— Ninguém — admiti após uma pausa. — Mas todos o dizem nas minhas costas. Eu não sou como as outras crianças.

Isto era, possivelmente, uma mentira. A verdade é que eu nunca tinha *visto* outras crianças, exceto nas caravanas do mercado que passavam à distância pela Casa Bhekina. Eu acenava da minha janela até os meus braços ficarem doridos, mas elas nunca acenavam de volta. As crianças olhavam fixamente através de mim, como se o nosso complexo — solar, pomar e casas suficientes para formarem uma pequena aldeia — fosse invisível para quem estivesse lá fora.

— Sim — concordou o *alagbato*, com ar sombrio. — Tu és diferente. Gostavas de ver a tua mãe, Tarisai?

Parei imediatamente de resistir e os meus membros penderam moles como trepadeiras.

— Sabes onde ela está?

A minha mãe era como a névoa da manhã; estava aqui e depois ia-se embora, desaparecendo em nuvens de jasmim. Os meus precetores faziam uma vénia supersticiosa sempre que passavam pela sua escultura em madeira na minha sala de estudo. Chamavam-lhe *A Senhora*. Eu deliciava-me com a nossa semelhança: as mesmas maçãs do rosto altas, lábios cheios e olhos negros insondáveis. A sua escultura observava enquanto a minha sala de estudo se enchia de académicos desde o nascer do Sol até ao nascer da Lua.

Eles conversavam em dialetos de todos os doze reinos do império arit. Alguns rostos eram quentes e escuros, como o meu e o da Senhora. Outros eram pálidos como leite de cabra e tinham olhos como água, ou eram avermelhados e cheiravam a cardamomo ou dourados com cabelo que escorria como tinta. Os precetores enchiam-me de adivinhas, enfiando-me diagramas nas mãos.

Será que ela consegue resolver o problema? Tenta um diferente. Ela terá de fazer melhor do que isso.

Eu não sabia o que eles procuravam. Só sabia que, quando o encontrassem, voltaria a ver A Senhora.

Este vai ser o dia, diziam os precetores quando eu era excelente nas minhas lições. *A Senhora vai ficar muito contente*. Então, os portões de paliçada da Casa Bhekina abriam-se e a minha mãe deslizava para dentro, desprendida como uma estrela. Os seus ombros brilhavam como brasas. O tecido tingido a cera, com padrões zigzagueantes em vermelho,

dourado e preto, agarrava-se ao seu tronco como uma segunda pele. Ela abraçava-me contra o seu peito, uma sensação tão bela que eu chorava enquanto ela cantava: *Eu, minha, ela sou eu e ela é minha.*

A Senhora nunca falava quando eu demonstrava as minhas capacidades. Por vezes, acenava com a cabeça como se dissesse: *Sim, talvez.* Mas, no final, abanava sempre a cabeça.

Não. Não é suficiente.

Eu recitava poemas em oito línguas diferentes, atirava dardos a alvos minúsculos, resolvia quebra-cabeças lógicos gigantes no chão, mas, de todas as vezes, era sempre não, não e outra vez não. Então, ela desaparecia naquela névoa de perfume inebriante.

Aos cinco anos, tornei-me sonâmbula, percorrendo descalça os corredores de gesso liso da nossa mansão. Espreitava para cada quarto, andando e choramingando pela minha mãe, até um criado me levar de volta para a cama.

Eles tinham sempre o cuidado de nunca tocar na minha pele.

— Não consigo encontrar a tua mãe — disse-me o *alagbato* na noite da minha tentativa de fuga. — Mas posso mostrar-te uma memória. Não na minha cabeça. — Ele desviou-se da minha tentativa de lhe agarrar o rosto. — Nunca guardo segredos na minha pessoa.

A Senhora tinha proibido as pessoas de me tocarem por uma razão. Eu podia roubar a história de quase tudo: um pente, uma lança, uma pessoa. Tocava numa coisa e sabia onde ela tinha estado um instante antes. Via com os seus olhos, se tivessem olhos; suspirava com os seus pulmões; sentia o que os seus corações tinham sofrido. Se o fizesse por tempo suficiente, podia ver as memórias de uma pessoa durante meses e até anos.

Só A Senhora era imune ao meu dom. Eu conhecia todas as histórias da Casa Bhekina, exceto a dela.

— Terás de retirar a minha memória do local onde aconteceu — disse o *alagbato*, pousando-me suavemente na erva alta. — Vem. Não é longe.

Ele ofereceu-me uma mão ossuda, mas eu hesitei.

— És um estranho — disse eu.

— Tens a certeza? — perguntou ele e eu senti a sensação estranha de estar a olhar para um espelho. Ele sorriu, com os lábios franzidos como os de um suricata. — Se te faz sentir melhor, o meu nome é Melu.

E, graças *àquela mulher*, não sou um *alagbato*. — O seu sorriso transformou-se num esgar: — Já não.

O medo cresceu na minha barriga como fumo num poço de carvão, mas eu silencieei as minhas preocupações. *Queres encontrar A Senhora ou não?*

Peguei no meu saco, de onde a maior parte das mangas tinha caído, e agarrei na mão de Melu. Embora gentil, a sua mão parecia dura em redor da minha, como se os seus músculos fossem feitos de bronze. Uma pulseira cravejada de esmeraldas brilhava no seu antebraço e, quando rocei nela por acidente, ela queimou-me.

— Cuidado — murmurou ele.

Caminhámos até uma clareira rodeada por acácias. Garças voavam por cima de uma vasta lagoa imóvel. O ar pairava com lírios e violetas e os arbustos farfalhavam e sussurravam numa canção de embalar sem palavras.

— É aqui que vives? — perguntei com admiração.

— De certa forma — disse ele. — Foi belo durante os primeiros milhares de dias. Depois disso, tornou-se aborrecido. — Pestanejei para ele, confusa, mas ele não explicou. Apenas apontou para a terra vermelha e macia. — A história está aqui.

Cautelosamente, encostei o ouvido ao chão. Nunca tinha tentado retirar a memória de qualquer sítio maior do que o meu quarto. Um calor familiar corou o meu rosto e as minhas mãos, enquanto a minha mente se embrenhava na terra, agarrando-se à memória mais forte. O homem alado e o bando de garças desapareceram.



A clareira é mais jovem agora, com menos arbustos e acácias. É de dia nesta memória e a lagoa cor de âmbar está límpida, sem peixes nem libélulas. O meu coração falha uma batida: A Senhora, a minha Senhora, está reclinada numa rocha junto à água.

O Sol faz um mosaico do seu reflexo na superfície da lagoa, distorcendo o seu rosto e ondulando a sua nuvem de cabelo cor da meia-noite. O seu envoltório está puído e as suas sandálias estão gastas até às solas. Preocupo-me, perguntando-me: *Do que estava a fugir, mãe?*

A Senhora mergulha uma pulseira de esmeralda na água. Murmura sobre a joia, beijando-a com ternura, e a esmeralda brilha e depois desvanece. Então, ela pausa a pulseira e diz:

— Melu. — A minha mãe saboreia a palavra nos seus lábios cheios, arrastando as sílabas como uma canção. — Melu, meu querido. Não queres aparecer para brincar?

A clareira está em silêncio. A Senhora ri-se, um som profundo e gutural.

— Os videntes dizem que os *alagbatos* não gostam dos humanos. Alguns duvidam que existam sequer, Grande Melu, guardião de Swana. Mas eu acho que tu ouves. — Ela tira um frasco verde do bolso e inclina-o precariamente em direção à lagoa. — Acho que ouves muito bem.

Um vento quente percorre a clareira, fazendo rodopiar a poeira e o barro até construir um homem alto e magro. As suas asas ardem em azul-cobalto, como um fogo jovem, mas a sua voz é fria como gelo.

— *Para*.

— Eu dir-te-ia o meu nome — diz-lhe A Senhora. — Mas, como sabes, o meu pai nunca me deu um. — Ela faz uma pausa, ainda baloiçando o frasco sobre a lagoa. — Com que rapidez é que o sangue *abiku* se espalha pela terra e pela água, Melu? Que quantidade envenenaria todas as coisas vivas num raio de oitenta quilómetros? Duas gotas? Três?

— Para — exclama Melu. — Espera.

A Senhora aponta para a pulseira de esmeralda.

As feições de Melu contorcem-se de derrota. Com o maxilar rígido, ele pega na pulseira e encaixa-a no antebraço.

— Se fiz isto bem — diz A Senhora —, já não és o *alagbato* de Swana. És o meu *ehru*... o meu *djinn*.

— Três desejos — cospe Melu. — E eu estou preso a este prado até que os teus desejos se cumpram.

— Que conveniente. — A Senhora endireita-se, baloiçando pensativamente as suas pernas castanhas musculosas na água. — Melu, eu desejo uma fortaleza que ninguém possa ver ou ouvir a menos que eu o deseje. Um lugar onde eu e os meus amigos estejamos sempre seguros. Um lugar... digno da realeza. Essa é a minha primeira ordem.

Melu pestaneja.

— Está feito.

— Onde?

— A um quilómetro e meio daqui. — Melu aponta e as paredes de gesso recém-formadas da Casa Bhekina cintilam ao longe.

A Senhora brilha de prazer.

— Agora — sussurra ela —, desejo a morte de Olugbade...

— Não é permitido — diz Melu. — A vida e a morte estão além do meu poder. *Especialmente* essa vida. Nem sequer os duendes podem matar um Portador do Raio.

A boca da Senhora endurece e depois relaxa.

— Pensei que isso poderia acontecer — diz ela. — Muito bem. Desejo uma criança que faça, pense e sinta o que eu lhe disser. Uma extensão de mim própria. Uma criança dotada, que se destaque claramente num concurso de talentos. Esta é a minha segunda ordem.

— Não é permitido — entoa Melu novamente. — Não posso forçar um humano a amar ou a odiar. Não podes *possuir* uma criança como possuis um *ehru*.

— Não posso? — A Senhora junta os dedos pensativa. Um sorriso espalha-se pelo seu rosto e os seus dentes são friamente brancos.

— E se — diz ela — o meu filho *fosse* um *ehru*? E se o meu filho fosse teu?

Melu fica tão rígido como uma árvore na estação seca.

— Tal união seria contra a natureza. Tu és humana e não da minha espécie. Pedes uma abominação.

— Oh, não, Melu. — Os olhos negros e brilhantes da Senhora dançam sobre os olhos horrorizados do *ehru*. — Eu ordeno essa abominação.



Eles executaram então um ritual, um que eu não compreendi aos sete anos. Parecia doloroso, a forma como o corpo dele se dobrava sobre o dela na relva. Duas espécies nunca destinadas a unir-se, tão diferentes como carne contra metal. Mas a memória disse-me que, nove meses mais tarde, os meus gritos de recém-nascida ecoaram pela Casa

Bhekina. E o terceiro desejo não concedido da Senhora — a sua abominação — correu pelas minhas veias.



— Compreendes agora? — murmurou Melu sobre a minha forma sonolenta, assim que a memória terminou. — Até concederes o terceiro desejo dela, nem tu nem eu seremos livres. — Ele tocou na minha testa com um dedo longo e fino. — Negocieei com A Senhora o privilégio de te dar o nome de Tarisai. É um nome swaniano: *contempla o que está para vir*. A tua alma é dela, por enquanto. Mas eu insisti para que o teu nome fosse teu.

Ele parecia estar muito longe. Roubar a história da Senhora tinha-me deixado exausta. Mal senti Melu envolver-me com os seus braços estreitos, voar através da noite e depositar-me de volta junto dos portões da paliçada da Casa Bhekina. Ele sussurrou:

— Estou preso a esta savana há sete anos. Para meu bem, espero que aquela mulher realize o seu desejo. Mas para teu bem, filha, espero que esse dia nunca chegue. — Então, os criados correram para os portões e Melu desapareceu.

Uma dúzia de mãos ansiosas deitaram-me na cama e vozes melosas acalmaram-me quando, no dia seguinte, falei de Melu. *Foi tudo um sonho*, disseram os precetores. No entanto, as suas pupilas dilatadas e os seus sorrisos tensos contavam uma história diferente. A minha aventura tinha confirmado as suas suspeitas mais sinistras.

A minha mãe era o diabo, e eu, o seu demónio fantoche.